

Nada sério por enquanto

Há uma Lei da Natureza segundo a qual todo governo novo tem 100 dias em que pode tudo. É um cheque em branco, como os três desejos que o gênio da lâmpada nos oferece. A chance é única, não se pode errar, nem pedir mais três desejos.

Todavia, na falta de regulamentação para a referida lei, não se sabe exatamente quando tem início este período de graça. E que fatores podem acelerar o seu término. O governo do PT parece ter começado faz tempo embora, em dias úteis, mal tenha completado uma semana. Talvez tenha sido a esperteza do presidente FHC que, ao desenhar a transição da forma esplêndida como teve lugar, acabou consumindo pelo menos metade dos 100 dias mágicos pertencentes a Lula.

O relógio está correndo e ainda se fala, com certo exagero, em lua de mel nos mercados financeiros. Os preços de ativos estão recuando de patamares de crise, ou de níveis consistentes com a formação de um governo onde a pior parte do PT estaria na parte mais sensível do governo. Isto, felizmente, não aconteceu, e o excesso de cautela está diminuindo, mas ainda existe um longo caminho a percorrer.

A área econômica foi preservada e está repleta de bom senso em várias de suas mais importantes posições. Mas existem outras áreas onde as novas equipes têm um jeitão meio alternativo e parnasiano que se temia ser dominante no conjunto da administração pública. A ambiguidade é indisfarçável, e pior: a parte que vem dando certo, ou seja, o que vem dando alguma tranquilidade aos mercados, e fazendo recuar o dólar, é justamente a face moderada da equipe econômica, indistinguível da anterior, e a intenção de avançar com as reformas, a da Previdência em particular, propostas pelo governo anterior.

Goste-se ou não, o que vem dando certo é a continuidade e não a mudança.

É verdade que isto pode ser usado contra o presidente eleito, pois sua missão era a de implantar um “modelo econômico alternativo” e nada, rigorosamente nada em parte alguma de qualquer dos pronunciamentos das autoridades econômicas, parece indicar que exista tal coisa.

Na primeira semana, ainda em meio os festejos das posses, verifica-se o tradicional loteamento de cargos entre apaniguados políticos, parentes e amigos. Nada sério, a julgar pela indiferença com que o assunto tem sido tratado.

No terreno da política externa duas controvérsias foram iniciadas: o envolvimento na Venezuela e o episódio da bomba atômica. Nada sério, ou que não se possa desfazer com facilidade.

Uma outra polêmica é referente aos caças que íamos comprar para a Marinha. Anunciou-se que a compra foi suspensa para que os recursos fossem usados no combate à fome, com isso se conseguindo até matérias elogiosas, e politicamente corretas, em jornais do exterior. Só que os recursos não existem: os aviões seriam comprados com financiamento do consórcio de fornecedores.

Tentou-se consertar o vexame com o pretexto de que era uma decisão simbólica (sic) e também com a ideia de que a suspensão da compra era oportuna a fim de dar início de um debate sobre a natureza precisa de nossas necessidades no plano da defesa nacional. Novamente, o dano não é sério, nada que não se possa desfazer com facilidade.

Também nesta primeira semana, verifica-se um início de crise federativa, muito semelhante à que ocorreu na última passagem de governo a partir da iniciativa do então governador de Minas Gerais, Itamar Franco. Desta vez, é o Rio de Janeiro a criar problema ao inadimplir em um contrato com a União. Caso o episódio não venha a ter uma solução exemplar, vamos ter uma penca de outros estados e municípios criando os mesmos problemas. O desafio está lançado. A União pode desarmar a bomba com facilidade, ou não.

Por enquanto, portanto, nada sério aconteceu, o noticiário tem trabalhado com declarações e gestos no terreno do simbólico. Ainda estamos dentro dos 100 dias, a indulgência é enorme, as expectativas muito favoráveis e não parece clara a separação entre a campanha, cuja matéria prima é a intenção, e o governo, que é feito de ações.